

Beijo inesperado

Beijo Inesperado – Simone Daumas

Biografia da autora: É Graduada em Letras- Português e Literaturas (Bacharelado) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Resumo do texto: Crônica sobre um beijo de batom ocorrido no vagão lotado do metrô, que acaba por transformar a vida de um homem.

Piiiiiiii... O apito da porta fechando era um aviso pra decidir rápido: entrar ou não naquele vagão de metrô abarrotado de gente, como palitos em caixa de fósforos, correndo o risco de ser esmagada pela porta. Num gesto arriscado, apressada e atrasada como sempre, entrei. Comigo, para minha surpresa, mais uns três. A moça baixinha de batom bem vermelho também entrou na última fração de segundo, empurrada ou empurrando. O rapaz alto, vestido em camiseta branca de algodão, reclamou, em voz alta: e agora, o que eu digo lá em casa? Bastante irritado, ele não parava de olhar pro beijo bem marcado de batom, na parte de trás de sua manga de camisa. E continuou assim, até a estação seguinte, puxando a manga pra examinar melhor aquele belo beijo da baixinha, que nem se dignou a responder a pergunta e, atrevidamente, o ignorou por completo.

Não consegui disfarçar minha vontade de gargalhar, mas devo ter transparecido só um sorriso leve e maroto, de canto de boca, desses que expressamos sem querer, às vezes andando na rua, quando lembramos de algo muito engraçado.

Fiquei imaginando a cena dele chegando em casa e tendo que explicar pra Marta, a esposa ciumenta e pra lá de desconfiada, o inacreditável. Oswaldo era dominado por aquela mulher e quantas vezes sonhava em ter outra vida, mais tranquila e sossegada, com alguém de temperamento mais dócil, que o compreendesse e amasse de verdade.

Ele era um sujeito simples e trabalhador, sem muitas pretensões na vida. Era chefe do setor de almoxarifado de uma fábrica de eletrodomésticos e não se queixava do emprego. Tinha chegado a esse posto após doze anos de dedicação e se considerava um sujeito de sorte. Porém, Marta queria sempre mais, ambiciosa e invejosa, nunca estava satisfeita. Precisava de uma tevê maior, um celular mais moderno, qualquer novidade, que logo se tornava seu objeto de desejo, como aquela bolsa cara, que ele não deixou comprar. Naquele dia, concordou em ir ao shopping pra ver o filme “Malévola”. Logo depois, ela tentou passar o cartão pra comprar a maldita, mas o limite de crédito estava estourado. Pediu o dele emprestado e ele disse: de jeito nenhum. Pra quê? Foi o maior bafafá e veio uma briga infernal, que o fez pensar que Marta era uma verdadeira malévola, sem qualquer semelhança com a Angelina Jolie.

O sonho dela era ir pra Disney com ele, que nunca teve a menor simpatia pelo Mickey, ratinho esperto e enganador de nativos dos trópicos. Oswaldo estava mais para o Zé Carioca; gostava de praia, samba e de bem viver. Bom mesmo era beber cerveja com os amigos nos fins de semana, fazer um churrasco e escutar aqueles sambinhas antigos e tão bacanas. Não sabia tocar violão nem cavaquinho, mas batucava direitinho no pandeiro e cantava todas as letras de cor.

Enquanto ela falava que ele era um sem-vergonha de chegar em casa assim, de batom na blusa, ele pensava em tantas brigas e humilhações injustas que tinha passado ao lado daquela, por quem um dia tinha sido tão encantado. Ou seria “enfeitiçado” uma palavra melhor?

Marta trabalhava como caixa numa loja chique de roupas femininas. Não ganhava muito, a não ser em dezembro, mas tinha uma pose danada e estava sempre muito bem vestida, maquiada e de salto alto, esses requisitos pra trabalhar no ramo, que já tinham se incorporado à personalidade dela. Era bonita, sim, seus amigos nitidamente o invejavam, mas mal sabiam o que ele passava.

Ela nunca era carinhosa com ele, que às vezes se perguntava como tinha sido tão cego. Sempre que ele puxava o freio nos gastos desnecessários da mulher, tinha que escutar uma enxurrada de queixas: que ele devia buscar outro emprego, melhor remunerado, que ele estava estagnado na empresa e que parecia que não sabia fazer mais nada, que era preciso ganhar mais e mais, que ele só podia ser muito burro e incompetente pra ganhar tão pouco e que o marido da Ritinha, que trabalhava em logística, numa transportadora, devia ganhar muito mais, bastava ver o carro novo na garagem deles pra constatar isso, que ele devia voltar a estudar e aprender logística – vejam só! – que ele precisava pensar grande e que desse jeito ele não tinha futuro e ela – agora, a pior parte – não aguentaria essa vida miserê que eles levavam por muito mais tempo, que ele desse um jeito nisso e blábláblá... Quanta encheção de saco, meu Deus!

E agora, o que ela está falando? Que sou sem-vergonha? Mas se sou o cara mais sério que conheço! Ao contrário dos amigos, não gostava dessa história de arranjar mulher fora de casa. Afinal, tinha Marta, que era linda, toda pra si. Só chegava tarde do trabalho nas raras vezes em que dava diferença no estoque e era obrigado a conferir tudo. É bem verdade que, de uns dois anos pra cá, ela nunca estava muito disposta pra sexo, quando muito, transavam umas duas vezes por mês, muito menos do que ele gostaria. Cada vez mais ele precisava se aliviar no banho, um tanto triste e envergonhado de si mesmo. Mas sempre adiava tocar nesse assunto, tão difícil quanto delicado. Afinal, não gostava de cobrar nada de ninguém, muito menos amor de sua própria mulher.

O casamento, na verdade, não estava nada bem e ele sabia, mas não se preocupava muito e preferia seguir levando a vida. Devia ser normal, depois de seis anos de casados, não dá pra ser tão bom quanto antes. Marta tinha decidido adiar os filhos mais um pouco, ainda não era a hora certa, mas essa hora nunca chegava e ele também estava cansado de esperar. Não via a hora de ser chamado de papai. Aos 36 anos, já estava mais do que na hora, os seus três amigos mais chegados já tinham um ou dois filhos e ele achava o máximo as fotos e vídeos das crianças que chegavam no seu celular.

O que ela queria com ele, afinal? Às vezes se perguntava e não encontrava a resposta certa. Certamente, ela curtia infernizar a vida dele, isso devia lhe dar algum prazer secreto, do contrário, por quê? Você está me ouvindo? A pergunta veio de supetão. Claro, amor, ele respondeu automaticamente. Ela ironizou: sono! No mundo da lua, como sempre! Amor? É muita cara-de-pau! De repente, ele disse: Marta, sabe de uma coisa? Eu vou me mandar daqui agora. É mesmo, Oswaldo? O que você quer dizer com isso, posso saber? Ele replicou: eu estou simplesmente dizendo que vou embora agora mesmo, vou morar com ela. Ela, quem? Ela, a dona do beijo. Ao notar a cara de espanto de Marta, virou-lhe as costas e deu um sorriso ligeiro. Teve a sensação de tirar um peso das costas. Caminhou calmamente até a porta, girou a chave e saiu de fininho, finalmente livre e feliz da vida.

Em meu devaneio, quase perdi a hora de sair do vagão, ao chegar na minha estação. Mas não resisti a me dirigir ao Oswaldo – seria esse mesmo seu nome? – e desejar-lhe boa sorte, antes da abertura das portas. O certo é que ele não teve tempo de se recuperar da surpresa com o meu comentário, muito menos de responder qualquer coisa. Mas eu segui alegre, torcendo muito por ele.